

Gabriel Casaccia e a produção de si.
Luiz Felipe Viel Moreira
Estudios del ISHIR, 14, 2016, pp.21-38. ISSN 2250-4397
Investigaciones Socio Históricas Regionales, Unidad Ejecutora en Red – CONICET
<http://revista.ishir-conicet.gov.ar/ojs/index.php/revistaISHIR>

Dossier

Gabriel Casaccia e a produção de si.

Luiz Felipe Viel Moreira (Universidade Estadual de Maringá-Brasil)

Resumo

Gabriel Casaccia foi um escritor paraguaio que nasceu em Assunção em 1907, e morreu em Buenos Aires, em 1980. Sua novela *La Babosa* (1952) o projetou internacionalmente. Entre 1937 e 1948, ele e o irmão César Alberto mantiveram uma correspondência, uma escrita de si que possibilitou conhecer aspectos de sua vida. É disto que trata este trabalho.

Palavras Chave: Gabriel Casaccia; escrita de si; história e memória; Paraguai

Gabriel Casaccia y la producción de sí

Resumen

Gabriel Casaccia era un escritor paraguayo (Asunción, 1907-Buenos Aires, 1980). La novela que lo proyectó internacionalmente fue La Babosa (1952). El objetivo de este artículo es analizar la correspondencia entre Gabriel y su hermano César Alberto, intercambiada entre 1937 y 1948, como una forma de producción de sí, que permitió conocer algunos aspectos de su vida.

Palabras claves: Gabriel Casaccia; escrita de sí; historia y memoria; Paraguay.

Gabriel Casaccia and the production itself

Abstract

Gabriel Casaccia was a Paraguayan writer (Asuncion, 1907-Buenos Aires, 1980). The novel that projected him internationally was La Babosa (1952). The object of this paper is to analyze the correspondence between Gabriel and his brother Cesar Alberto, about between 1937 and 1948, as a written form itself that allowed to know some aspects of his life.

Keywords: Gabriel Casaccia; written himself; history and memory; Paraguay

Para conhecer a trajetória de Gabriel Casaccia (1907-1980) é possível uma primeira aproximação a partir de estudos biográficos. Estes são poucos, mas sempre enfatizando basicamente o aspecto literário.¹ *La babosa* de Gabriel Casaccia, livro publicado em Buenos Aires em 1952, foi tanto um escândalo no Paraguai como uma obra fundamental para a narrativa

¹ Ver: ALMADA ROCHE, Armando. Gabriel Casaccia. *El padre de la novela paraguaya*. Una biografía literaria. Asunción: Arandurã, 2007.

contemporânea em seu país. Anteriormente Casaccia já havia produzido outros livros, todos saindo por distintas editoras portenhas. Foram as novelas *Hombres, mujeres e fantoches* (1930) e *Mario Pareda* (1940), os contos *El Guajhu* (1938) e *El Pozo* (1947), e *El Bandolero* (1932), uma obra de teatro.

Inegavelmente *La Babosa* projetou internacionalmente a Casaccia, sua obra mais conhecida, a que seguem outras quatro novelas. *La Llaga* (1963) e *Los Exilados* (1966) novamente saíram primeiramente em Buenos Aires. *Los Herederos* (1975) foi publicada na Espanha. E *Los Huertos* (1981), cujos manuscritos foram terminados de escrever poucos dias antes de morrer, saiu postumamente por uma editora de Assunção. A importância de Casaccia no âmbito latino-americano nos é dada por Augusto Roa Bastos, o literato paraguaio mais conhecido, quem qualifica ao colega de ofício como o pai da narrativa moderna em seu país. Mas a relevância pode ser avaliada pela imensa produção sobre a obra do autor, dentro e fora da academia. Hoje os dois grandes especialistas nele são Francisco Feito e Teresa Méndez-Faith.

Em 2007, quando do centenário do nascimento de Gabriel Casaccia, Feito e Méndez-Faith organizam um livro, *La Babosa y sus críticos*, um conjunto de ensaios.² Em grande medida, como se deixa claro no prefácio, o projeto finalmente saía à luz com duas décadas de atraso. A edição crítica da novela *La babosa* fora escolhida para ser a representante do Paraguai na *Colección ARCHIVOS*, da Unesco. Para a época, década de 1980, problemas burocráticos/pessoais com o responsável, Francisco Feito, travaram sua publicação. Na obra que finalmente surgiu estão ensaios dos organizadores, além dos de Josefina Plá, Juan Manuel Marcos, Rubén Bareiro Saguier e William Mejías-López. Com um último capítulo contendo um dossiê com três artigos polêmicos que saíram na imprensa de Assunção quando das publicações de *La Babosa* – assinados por Facundo Recalde e Gabriel Casaccia –, e *Los Huertos* – escrito por Guido Rodríguez Alcalá em resposta a Facundo Cazenave.

Um conhecimento acumulado, e posteriormente mais amplamente divulgado, pesa sobre os principais críticos da obra de Casaccia. Hoje inegavelmente a principal figura é a de Teresa Méndez-Faith, docente no Saint Anselm College (EUA). Sua tese de doutorado de 1979, publicada em 1985 com o título *Paraguay: novela y exilio*, teve em 2009 uma edição ampliada.³ Nessa reedição do livro foi incluído um novo capítulo, com oito resenhas, publicadas entre 1986 e 2009 por Isabel Boca Carmona, Edgar Valdés, Rodrigo Díaz-Pérez, Mempo Giardinelli, Gene H. Bell-Villada, Juan Manuel Marcos, Efraín Enríquez Gamón e Antonio V. Pecci.

22 O trabalho que ora apresento é um desdobramento da Mesa Redonda *Literatura e historia en el proceso de construcción de la nación: sujetos nacionales, territorios e identidades em Argentina, Paraguay y Bolivia*, no marco do VII Congresso Internacional de História, realizado em 2015 na Universidade

² Ver: FEITO, Francisco; MÉNDEZ-FAITH, Teresa. *La Babosa y sus críticos*. Asunción: Intercontinental, 2007.

³ Ver: MÉNDEZ-FAITH, Teresa. *Paraguay: novela y exilio*. Asunción: Intercontinental, 2009.

Estadual de Maringá (Brasil). *Literatura e história no processo de construção da nação paraguaia: Gabriel Casaccia e Guido Rodríguez Alcalá, os roedores dos mármore da pátria* foi a minha primeira aproximação a uma leitura ficcional tendo como perspectiva o diálogo com a história.

Para esse objetivo abordei de Rodríguez Alcalá a novela histórica *Caballero*, de 1986, onde aparecem os grandes personagens que na passagem do século XIX para o XX moldaram a história da nação mediterrânea, principalmente a figura do General Bernardino Caballero.⁴ Guido Rodríguez Alcalá, um intelectual contemporâneo nosso, rediscute a canonização de atores sociais, e aqui o papel de Caballero, fundador do centenário Partido Colorado, feita pelo revisionismo histórico paraguaio. Já Gabriel Casaccia em *La Babosa*, de 1952, não deixa de refletir sobre a nação. Mas não o faz posicionando-se contra a hegemonia do revisionismo como Guido, e o uso político do nacionalismo por todos os governos paraguaios desde a “revolução” de 1936 aos dias de hoje. Gabriel Casaccia irá trabalhar os aspectos psicológicos de um paraguaio pouco acostumado a críticas sobre suas misérias. O povoado de Areguá, onde os personagens se movem, é um microcosmo da nação, com a corrupção moral afetando a vida pública e privada⁵. Daí a pouca recepção de sua obra ao longo de toda ditadura de Stroessner, e mesmo após o retorno da democracia no país em 1989.

Os textos e o contexto da produção dessas obras de Guido Rodríguez Alcalá e Gabriel Casaccia, envolveram leituras que propuseram indagar o cruzamento possível entre literatura e história.⁶ O resultado alcançado foi a percepção de que as discussões sobre as relações e os limites entre ambas narrativas caíram um pouco no jogo simplista de se fazer da ficção um acessório da história. Mas o primeiro passo em direção à literatura havia sido dado. Uma literatura paraguaia que durante o primeiro terço do século XX, segundo a crítica Josefina Plá:

Se caracteriza por la entronización de lo tradicional como modelo, y del paroxismo heroico de una epopeya como ejemplaridad. Ello lleva al escritor a supeditar la psicología individual o colectiva a conflictos de escasa variación en sus esquemas agonísticos; prolonga la fijación de sentimiento e imaginación en el ayer idealizado. (Feito; Méndez-Faith, 2007: 14).

Gabriel Casaccia, sugestivamente designado por setores da imprensa de Assunção como um dos roedores dos mármore da pátria, seguro referindo-se ao mármore do Panteão dos Heróis no centro da capital, foi com o periodista Rafael Barrett, um dos primeiros a superar essa literatura, e com este também

⁴ Ver: RODRIGUEZ ALCALÁ, Guido. *Caballero*. Buenos Aires: Sudamericana, 1987.

⁵ Ver: CASACCIA, Gabriel. *La Babosa*. Asunción: Criterio, 2010.

⁶ Para um debate teórico sobre a fronteira entre as duas narrativas, ver: WEINHARDT, Marilene (org). *Ficção Histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2011. Ver também: WEINHARDT, Marilene (org). *Ficções Contemporâneas. História e memória*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2015.

acusado de descrever a realidade paraguaia em tons pessimistas⁷. Além disso, para Josefina Plá:

Casaccia es no solamente el primer narrador paraguayo propiamente dicho que trascendió las fronteras (paradójicamente desde afuera), sino que el Pueblo y el mundo que en esos relatos ofrece era algo enormemente distinto de aquello que a través de ecos épicos y resonancias idílicas había contribuido a formar una imagen de su historia y de su humanidad. (Feito; Méndez-Faith, 2007: 16).⁸

Assim, um segundo passo em direção à literatura foi um interesse especial na figura de Gabriel Casaccia como intelectual. E para esta nova empreitada foi escolhido analisar seu epistolário, uma escrita de si que possibilitou conhecer aspectos de sua vida e obra a partir de outros prismas, mas com os pés postos na história.⁹ Uma história vinculada a emergência de um sujeito moderno com os correlatos dramas dos individualismos nas sociedades ocidentais, cuja lógica pessoal passava a se sobrepôr a coletiva.¹⁰ Nessa mudança de percepção do homem em relação ao mundo, a guarda de registros (cartas, fotos, bilhetes, diários...) possibilita a materialização da própria história de um indivíduo, o qual não precisa ser necessariamente um ser de destaque social para que isso venha a ocorrer (um grande político, um grande artista...). Mas a conservação dessas fontes produz para quem as guardou uma memória de si, uma identidade através de seus documentos que cabe ser analisada. E isto o fez Gabriel Casaccia.

Benigno Gabriel Casaccia Bibolini foi o primogênito do casal Benigno Casaccia Velasco e Margarita Eugenia Bibolini Veia, tendo nascido em Assunção em 1907. Uma família acomodada cujas origens se remetem à imigração e às oportunidades abertas para alguns que vieram *fazer a América*, isto em um Paraguai materialmente destruído após 1870. Depois de Gabriel, o casal teve outros quatro filhos, Carlos Augusto Fausto, César Alberto Juan, Maria Victoria e Maria Teresa. César Alberto nasceu em 1914, e era sete anos mais jovem que Gabriel.

Entre 1937 e 1948 Gabriel e César Alberto mantiveram uma intensa troca epistolar, mas as informações sobre este irmão mais novo e protagonista importante na vida do escritor são muito poucas.¹¹ As 55 cartas entre os irmãos vieram a luz em 1982, publicadas no Paraguai, tendo sido em 2007 reeditadas. Ao longo de todo o período da missiva Gabriel viveu em Posadas na Argentina, e

⁷ Ver: BARRETT, Rafael. *El dolor paraguayo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. [1° ed.: 1910].

⁸ Estes comentários estão no ensaio *Palabras Liminares*.

⁹ Para um debate teórico sobre esta escrita auto reflexiva, ver: GOMES, Angela de Castro. *Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de Si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. Ver também: QUINTEROS, Marcela Cristina. *Juan Natalicio Gonzalez (1897-1966): um intelectual plural*. São Paulo: USP, 2016. (Tese de doutorado).

¹⁰ Para essa discussão sobre esse tema, ver: WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

¹¹ César Alberto faleceu em 1981. Esta informação foi fornecida por Guido Rodríguez Alcalá, que a pedido consultou a um parente da família –Andrés Rivarola Casaccia.

César Alberto em Assunção no Paraguai. O que veio a público foram 40 cartas escritas por Gabriel e 15 por César Alberto.¹²

Cartas a mi hermano tem o título apropriado, e é todo um indicativo de um ato auto biográfico, pois a fonte documental maior vem justamente do resguardo daquilo que um irmão enviou ao outro, e isto só pode ocorrer se quem o fez teve a preocupação e cuidado em manter uma cópia. Aquilo que Gabriel Casaccia escreveu continuou por segurança sendo propriedade sua, e não do “outro”. A correspondência abarca uma etapa em que o autor era pouco conhecido, pois anterior a publicação de *La babosa*, que é de 1952. O Gabriel Casaccia, para os seus ainda raros leitores, dava lugar nas cartas a um amoroso “B...” (Benigno Gabriel) escrevendo ao seu “Querido hermano” (César Alberto).¹³

Esses quase 12 anos da troca epistolar entre os irmãos, entre 1937 e 1948, foi um período de muitas transformações no Paraguai, principalmente após o fim da Guerra do Chaco (1932-1935). O conflito serviu para canalizar os ressentimentos das três décadas sob governo do Partido Liberal, e culminou na chamada revolução de fevereiro de 1936, quando da ação de militares nacionalistas sob a liderança do coronel Rafael Franco. As contas com o lento trânsito para a modernidade foram saldadas todas de uma vez com estes acontecimentos, e marca o início da correspondência entre Gabriel e César Alberto.

A troca epistolar entre os irmãos se prolonga tendo como pano de fundo a restauração do poder liberal entre 1937 e 1940, o novo marco jurídico autoritário em 1940 com o governo do general José Félix Estigarribia, a longa ditadura militar de Higinio Morínigo entre 1940 e 1948, passando pela guerra civil de 1947. E a missiva termina quando se dá o início do domínio do Partido Colorado, entre 1947 e 1954. Todo um período em que o poder foi mudando de mãos, bem como trazendo o protagonismo para as forças armadas. Paulatinamente a democracia representativa passou a estar subordinada a um nacionalismo autoritário em seus vários matizes, em um jogo político no qual prevaleceram os dois partidos políticos tradicionais até o golpe de estado de 1954, com a entrada em cena de Alfredo Stroessner e a mais longa ditadura militar da América Latina.¹⁴

Em 09/06/1945 Gabriel escrevia a César Alberto:

Sabes que noto que mi prosa es cada día más escueta, desnuda, antipoética y antimusical. Me parece que va a llegar un día en que podré escribir todo un cuento

¹² Ver: CASACCIA, Gabriel. *Cartas a mi hermano*. Asunción: Napa, 1982. A edição não apresenta um prólogo ou mesmo informações sobre critérios que possam ter sido usados para selecionar as cartas. E a editora já não mais existe, tendo seus proprietários, Juan B. Rivarola e Carlos Villagra já falecido. Aqui trabalho com a reedição da obra feita em 2007, comemorativa aos 100 anos de nascimento do autor (*Cartas a mi Hermano*. Asunción: Criterio, 2007). A pesar de haver um prólogo de Lita Pérez Cáceres, não existem esclarecimentos sobre a organização da correspondência de Gabriel Casaccia.

¹³ Na carta ao irmão de 27/12/1937, informava que a partir de então usaria definitivamente para firmar seus livros Gabriel Casaccia. Isto viria a ocorrer já com *El Guajhu* (1938).

¹⁴ Para uma melhor leitura deste etapa, ver: QUINTEROS, Marcela C.; MOREIRA, Luiz Felipe V. “A violência política na história do Paraguai (1904-1954)”. In: QUINTEROS, Marcela C.; MOREIRA, Luiz Felipe V. (orgs). *As revoluções na América Latina Contemporânea*. Maringá: UEM/PGH/História, 2016.



en tres líneas. Por ejemplo: 'Miguel Martínez se casó, tuvo tres hijos, trabajo toda su vida como un buey atado a la noria, y cuando cumplió cuarenta años, y su mujer iba a dar a luz el cuarto hijo, se murió. Se murió de repente sin tener tiempo de pensar ni en su vida ni en nada. Vida humana y plena la de Miguel Martínez, creado a imagen y semejanza de Dios. Esa misma noche, en el tejado de su casa también moría un gato, que también como Miguel Martínez se había ganado el sustento duramente, y que deja a su gata con cuatro hijos. Vida oscura, animalesca e irracional del gato, al que Dios no había hecho a su imagen y semejanza'.¹⁵

Quem escreveria hoje assim? Este pequeno trecho da carta bem sintetiza a principal preocupação de toda a correspondência entre os irmãos: a literatura e os logros que dela pudessem derivar em seu exercício. Uma atividade no qual os dois estiveram envolvidos, mas apenas um conseguiu se destacar. Este percurso foi lentamente pavimentado e as cartas dão mostras disso, e assumem na relação dos irmãos uma dimensão muito importante. Desde a primeira carta disponível estão as cobranças e reclamações: "Es esta la tercera carta que te escribo, y tú aún no me has constestado. ¿Qué te pasa?"¹⁶

O silêncio do irmão e o trato mútuo e íntimo que estabelecem faz com que Gabriel mande César Alberto ler a obra de Miró que está em sua biblioteca de Assunção, pois isto faria com que o outro superasse o que considera um "malestar por no hacer lo que querías hacer".¹⁷ Isto é, escrever. Escrever que para Gabriel era uma necessidade, com as cartas cobrando também todo um significado especial:

Pero, sí, sé que mis cartas son, entre todo lo que escribo, lo más sincero, porque lo hago llevado por una necesidad impostergable de confiar al papel lo que en determinado momento siento y porque ellas me permiten elegir al que va a leerme, de buscar un espíritu afín y atento, que sepa escucharme apartando de sí todo orgullo, todo gesto de impaciencia e indiferencia. Pero en el que escribe una carta debe haber también tanta humildad como en el la lee, pues nada más fácil que adoptar en ella la posición del que se escucha a sí mismo o fingir que se es como no se es. Pasa lo que con ciertas personas, que en la intimidad de la casa adoptan una actitud falsa y estudiada, siendo fuera de ella naturales y sencillas. En otras sucede lo inverso. Así se ve también escritores a quienes sus cartas nos permiten seguir y comprender su obra, y otros, en vez, cuyos papeles íntimos nos despistan, nos desconciertan, descubriéndonos un ser distinto al imaginado a través de su obra. Es que aquéllos han puesto en sus papeles íntimos algo de sí mismos, algo de su espíritu; en cambio, los segundos han sido insinceros, han sido sólo 'autores', nos han engañado.¹⁸

¹⁵ 09/06/1945 – Carta de Gabriel para César Alberto

¹⁶ 10/01/1937 – Carta de Gabriel para César Alberto. De agora em diante será usado para abreviar, G p/ CA ou CA p/ G.

¹⁷ 28/06/1937 – G p/ CA

¹⁸ 15/09/1937 – G p/ CA

Desde a primeira até a última carta disponível, no debate intelectual entre os irmãos emerge um enorme circuito de leituras, e nos dá a ideia da biblioteca dos leitores Gabriel e César Alberto. Ali estão presentes, além de Miró: Dostoievski, Bergamin, Maritain, Unamuno, Azorin, Ortega y Gasset, Valle Inclán, Santa Teresa, Romulo Gallegos, Ricardo Güiraldes, José Eustasio Rivera, Goethe, Malraux, Balzac, Gogol, Baroja, Sánchez Ocaña, Zola, Maupassant, Turguenev, Freud, Ramos Mejía, Shakespeare, Oscar Wilde. Esses e tantos outros autores são lidos também em francês, língua franca entre os irmãos. Gabriel informava ter comprado em espanhol os livros de Proust, que já tinha em francês, mas faria uma leitura comparativa para melhor entender. E ao comentar e discutir muitas vezes um autor com César Alberto, se eventualmente traduzia partes da obra ao espanhol, informava que apenas o fazia a modo de exercício, para de ante mão não ferir suscetibilidades.

Entre outras leituras estão as biografias, como a de Thomas Mann sobre o filósofo Schopenhauer. Mas também as missivas. Era um prazer e uma revelação para ambos a leitura das cartas de Rilke (*Lettres à un jeune poète*), Mauriac (*Commencements d'une vie*), Flaubert (*Correspondencia*), as cartas de Vicente Van Gogh a seu irmão Théo, ou as cartas que trocaram Claudel y Gide durante mais de 25 anos. Gabriel em algum momento informava a César Alberto estar encarregando ao seu livreiro Williams James (*Los ideales de la vida*) e Gogol (*Las almas muertas*). E haviam também obras de filosofia. Estamos diante de homens instruídos e que dão aos livros um valor central em suas vidas e os discutem. Gabriel lembra da influência no irmão menor a pequena biblioteca que formou quando ainda vivia na casa dos pais em Assunção. E o mesmo se dava em Posadas com sua esposa.

Carmen Dora cada vez afina más su gusto. Estos días, leyendo las cartas de Van Gogh lo llamaba, con entusiasmo, 'hombre sublime'. Cada vez que la veo a Carmen Dora, en sus ratos de ocio, tomar un libro de mi biblioteca: hoy las cartas de Van Gogh; mañana, los cuentos de Poe; otro día 'El Quijote', pienso en eso formidable e inmaterial trabajo de lenta penetración, que va realizando una biblioteca en el gusto y el espíritu de los seres que viven junto a ella.¹⁹

As cartas entre os irmãos indicam acima de tudo um lugar de sociabilidade fundamental, e todos os personagens cujas ações vão sendo reveladas dão a dinâmica do campo cultural e político do período. Em fins de 1948, o intelectual e político peruano Luis Alberto Sánchez chegava a Assunção como exilado. Assunção que para ele tinha um aspecto de cidade provinciana, onde até o ambiente respirava ruralidade.²⁰ Para Gabriel, uma cidade onde todo mundo sabe que dia "te salió el primer diente". Inegavelmente esse todos se refere a um grupo social reduzido a que ele, César Alberto e Carmen Dora pertenciam.

¹⁹ 02/12/1945 – G p/ CA

²⁰ Ver: SANCHEZ, Luis Alberto. *Reportaje al Paraguay*. Buenos Aires: Ed. Guaranía, 1949.

Gabriel havia morado em Buenos Aires entre 1920 e 1924, onde fez o bacharelado. Por vicissitudes familiares voltou para Assunção em 1925, e terminou o curso no ano seguinte em Posadas, onde tinha ali um de seus tios, Pedro Bibolini, irmão de sua mãe e Cônsul paraguaio na cidade. Também ali estava um outro tio, Higinio Arbo, casado com uma das irmãs da mãe de Gabriel. Higinio, era um exilado político da revolução de 1908, mas com um escritório de advocacia importante na cidade. Quando Gabriel termina a carreira de Direito em Assunção vai trabalhar no escritório do tio em Posadas, tendo em vista este ter sido designado Embaixador no Uruguai.

Mas, em 1932, seu tio Higinio Arbo é nomeado Ministro das Relações Exteriores do presidente José P. Guggiari. O presidente era primo-irmão da mãe de Gabriel e conseqüentemente da esposa de seu tio. Assim, Gabriel foi designado Chefe de Gabinete no ministério. Com a ascensão no mesmo ano do presidente Eusébio Ayala, Higinio Arbo ficou sem nenhum cargo, indo para Buenos Aires onde abriu outro escritório de advocacia. Mas Gabriel permaneceu em Assunção, junto ao novo ministro, Justo Pastor Benítez, que era seu amigo e o manteve no cargo. Em fins de 1934 Justo Pastor Benítez foi designado Embaixador no Brasil, e ofereceu-lhe levar como secretário; e seu tio Higinio Arbo o convidou a voltar a trabalhar no escritório de Posadas. A decisão por Posadas levou a sua permanência nessa cidade argentina de 1935 a 1952, onde alternou sua profissão com a literatura, ou como dizia: “Tal vez alegatos jurídicos para sostener mi cuerpo, y páginas literarias para distraer mi espíritu”.²¹

Toda este pequeno enredo de novela familiar nos dá uma visão das relações que cruzavam um reduzido grupo de pessoas, que independente das vicissitudes políticas do Paraguai, e que se alteraram significativamente após o final da guerra, não deslocaram o lugar social onde estavam. No caso de Gabriel, um deslocamento físico apropriado e providencial, um exílio voluntário. Um enredo ligando pessoas que circularam entre Posadas, com tudo de bom e ruim que oferecia a um homem com alma de escritor, Buenos Aires, a grande urbe, e Assunção, menor e conflitiva, mas não menos importante pelo reconhecimento que ali buscava obter entre seus pares intelectuais. Um triângulo fundamental. Mas na capital paraguaia estavam os familiares, principalmente César Alberto, destinatário de suas cartas e a quem considerava ser sua alma gêmea. Era a certeza que na família ele havia ganhado a imaginação, e o irmão a inteligência. “Para el resto de los hermanos no quedó nada”.²² Nesse trato mútuo surge um César Alberto com posições firmes.

Dijo la sartén a la caldera, quítate allá culinegra. Me dices en tu última carta que cada vez que reciba algo de tu parte debo hacértelo saber para tu tranquilidad. Y la mía no cuenta. ¿Has recibido aquella última carta mía en que te copiaba un artículo sobre tu último libro, y en la que te decía que esa misma revista pedía datos sobre tu persona y solicitaba otras publicaciones tuyas? Estamos a mano.

²¹ 15/09/1937 – G p/ CA

²² 09/09/1946 – G p/ CA

Y no eches en saco roto mi recomendación de que las cartas deben acercarse más al diálogo que al monólogo.²³

César Alberto cumpriu um importante papel de interlocutor de Gabriel no ambiente cultural de Assunção, buscando, levando, trazendo livros, cartas, jornais, encomendas a todos seus pares. Mas acima de tudo era o crítico privilegiado de Gabriel, que comentou e anotou nas margens de todos os borradores das obras que iam surgindo, e com toda a exasperação do irmão que pedia letra legível, pois seguidamente não conseguia entender. Um leitor tão ávido como o irmão, de um Unamuno e as marcas deixadas pelo *Sentimiento trágico de la vida*, a um Nietzsche. Para ele seres especiais que chegou até mesmo a conhecer e poder comentar com Gabriel sobre comportamentos:

Y ¿Unamuno? Unamuno era un señor muy serio con barba y sombrero. Una vez comí con él y se entretuvo en arrojar bolitas de pan a los comensales. ¿La condesa de Noailles? Se lo pasaba todo el día en la cama, y como toda mujer era vanidosa.²⁴

O espaço para os sentimentos íntimos que transbordaram nas cartas mostram um Gabriel preocupado com os rumos do irmão. Que aproveite a oportunidade oferecida de iniciar no jornalismo, que comece efetivamente a escrever, pois as cartas, principalmente as mais rapidamente feitas, considerava muito bem escritas. Havia um sofrimento espiritual em César Alberto por não lograr desenvolver uma literatura. Mas também um sofrimento físico, um doença. A possível viagem a Buenos Aires em 1941, para tratamento, deveria ter sido feita há três anos. Uma vida no qual permanentemente lembrava ao outro ser horrorosa, e de um largo e angustioso suplício. Algo imensamente superior às queixas do irmão mais velho: “¿Qué burguesa me parece esa tristeza tuya, que casi te ahoga, y que sabes, sin embargo, que va a pasar!”²⁵

Quase ao final da correspondência, dada a situação de uma operação grave que finalmente ia se concretizar, Gabriel manifesta toda a importância de seu irmão César Alberto em sua vida pessoal, como leitor e escritor. Mas também numa vida espiritual que ambos souberam cultivar e que as cartas mostram em toda sua intensidade sentimentos que não deixaram de expor, como o amor, a solidão, a dor, o narcisismo, a irritação e tantos outros. Esta carta, de 1946 não apenas desejava que tudo saísse bem na operação, mas declarava:

Tú para mí tienes un significado tan enorme en mi vida, un valor tan grande, que pienso que en este apasionado afecto hay el egoísmo de darme cuenta con miedo que mi vida sin la tuya quedaría mutilada para siempre y sola, en una soledad

²³ 27/05/1939 – CA p/ G

²⁴ 27/05/1939 – CA p/ G

²⁵ 27/06/1945 – CA p/ G

espantosa. Nunca he escrito una línea sin pensar que tú tenias que leerme. Casi se puede decir que lo que he escrito lo he escrito para después leerlo contigo.²⁶

Mas essa vida de intensa relação entre os irmãos tecida de interesses em comum, era permeável a um grupo bem mais amplo de atores, com os quais permanentemente dialogaram e escreveram. As cartas contam principalmente da vida intelectual no Paraguai. Um panorama que para Gabriel, olhando desde afora, lhe parecia um deserto. Estranhava a frieza e a indiferença na recepção de *El Guajhú* (1937). Mas não o *silencio asnal* com o retorno a Assunção de Georges Bernanos, em 1938, pois duvidava que muitos conhecessem os livros desse autor. Ao referir-se à História da Literatura Francesa, de Thibaudet, e traçar um paralelo com o Paraguai, comentava a César Alberto:

Nosotros, en cambio, no tenemos pasado; nuestro país no puede mirar hacia atrás. ¡Qué terrible es pronunciar estas palabras! Duele confesárselo. ¿Qué se puede esperar de un país que no tiene tradición literaria? Forzosamente todo tiene que improvisarse o que copiarse.²⁷

Gabriel não deixa de perceber a si mesmo como uma peça importante nessa história da literatura paraguaia que considerava um vazío. Em 1948, mesmo com a boa recepção em seu país de *El Pozo* (1947), dada a falta de vendas dizia já não poder exclamar “¡pobre autor! sino ¡pobre país!”²⁸ Mas mesmo assim era o país onde tecia suas redes sociais e intelectuais. Um Viriato já havia se encerrado no passado baixo chaves, e nem conhecia a obra de Pemán y Casona. “En el Paraguay todos son Viriatos”.²⁹ Mas um Cardoso mandava uma carta elogiosa sobre *El Guajhú* (1938).³⁰ E Gabriel estava atento ao que faz Carlos Zubizarreta, e manda a César Alberto o artigo que este publicou em *Caras y Caretas* de Buenos Aires, e ironiza: “Hoy, desgraciadamente, ya sabemos hasta dónde llega en literatura”.³¹

Larreta, García Sanchiz ou Aponte, podem ser conferencistas que ruminam e dão volta no mesmo assunto durante *centurias*³², mas Aponte pode ser útil ao emprestar as *Correspondencia* de Flaubert³³. A Carlos Centurión deve ser enviado juízos sobre os livros, pois podem ser também úteis ao trabalho dele como crítico.³⁴ Os Aponte, Viriato... formavam aquilo que Gabriel chamava da República das Letras (paraguaias), e se tinha que estar atento a todos e enviar exemplares do último livro, por mais que seguisse havendo um silêncio

²⁶ 18/11/1946 – G p/ CA

²⁷ 30/05/1939 – G p/ CA

²⁸ 09/07/1948 – G p/ CA

²⁹ 28/06/1937 – G p/ CA

³⁰ 28/06/1937 – G p/ CA

³¹ 27/12/1937 – G p/ CA

³² 19/05/1939 – G p/ CA

³³ 19/08/1941 – CA p/ G

³⁴ 01/10/1943 – G p/ CA

sepulcral³⁵. Uma República no qual Carlos Zubizarreta havia logrado conseguir comentários elogiosos de seu livro no periódico *La Nación*, de Buenos Aires, e Gabriel acreditava que isso se deu por ter conseguido publicar pela editora Espasa Calpe – “Dios sabe como”.³⁶

Era uma realidade sempre presente de pessoas, instituições e periódicos nos quais Gabriel tinha que se mover buscando um espaço. Por vezes aconteciam surpresas, como a crítica favorável ao livro *El Pozo* (1948), feito por Justo Pastor Benítez no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. Toda uma prova de afeto do amigo, a que Gabriel deu muito valor, pois significava a divulgação de seu nome no estrangeiro.³⁷

A política paraguaia nos últimos anos havia afetado a vida tanto de Gabriel Casaccia como de Justo Pastor Benítez. O governo saído da revolução de fevereiro de 1936 havia sido derrotado em agosto de 1937 por uma “contrarrevolução” liberal, e Pastor Benítez voltava a ter um protagonismo político na vida paraguaia. A inesperada morte de José Félix Estigarribia em 07/09/1940, devido a um acidente aéreo, alterou todo o tabuleiro do xadrez político, dando início a diáspora das lideranças do Partido Liberal. Quando desses acontecimentos, Casaccia já se encontrava em seu exílio voluntário em Posadas, e Justo Pastor iniciava um exílio forçado que durou muitos anos no Brasil.³⁸

A primeira interrupção temporal significativa nas cartas impressas entre os irmãos, foi justamente quando da queda dos liberais em 1940, com as mesmas voltando a ter regularidade apenas em 1945, no início do clima de distensão política que passava a viver o Paraguai com o fim da segunda guerra mundial. A morte em 1943 de seu tio Pedro Bibolini, com quem havia convivido e estimava, foi uma surpresa para Gabriel. E recordava ao irmão cartas recebidas de seu tio: “(...) en una de ellas me cuenta que há recorrido vários cementerios de Europa para ‘ambientarse’”.³⁹

As dúvidas sobre a morte de Pedro Bibolini, que como os Casaccia pertencia a um mesmo grupo social e próximo ao Partido Liberal, se esclareceu apenas em meados de 1945. Em uma carta dessa época, César Alberto enviava a Gabriel a nota das cópias do Ministério das Relações Exteriores sobre o caso do tio, no qual informa que os detidos na cela 114 constaram que nada lhes fazia supor que Bibolino tomaria uma medida drástica.⁴⁰ O assunto do suicídio do tio preso não é mais comentado nas correspondências impressas. Um novo e último tema político aparece na correspondência apenas quando dos acontecimentos de

³⁵ 19/03/1948 – G p/ CA

³⁶ 25/03/1940 – G p/ CA

³⁷ 09/07/1948 – G p/ CA

³⁸ Vínculos pessoais ligavam Gabriel ao Partido Liberal, mas as manifestações políticas são poucas nas cartas. Em setembro de 1937, Gabriel, desde Posadas, escrevia a seu irmão em Assunção: “¿Has recibido mi ‘boutade’ contra los colorados? ¿Has hablado con Pavón? No debes remolonear, porque esas cosas tienen su momento para que surtan su efecto. Si aún no se ha imprimido, quiero que hagas las siguientes correcciones (...)” Ver: 15/09/1937 – G p/ CA

³⁹ 05/11/1943 – G p/ CA

⁴⁰ 27/06/1945 – CA p/ G

1947. Com a guerra civil em curso, e a anarquia a que foi submergida o Paraguai, Gabriel passava a ter uma visão pessimista sobre o futuro do país, tendo se resignado a ideia de ter que viver para sempre no estrangeiro.

Si gana el gobierno tendremos una larga época de predominio colorado. Tendremos que andar con camisa roja y pintar el frente de las casas de colorado, y vociferar que el mejor alimento del mundo es la mandioca y que no hay hombre superior al paraguayo.⁴¹

E aqui se deu a outra interrupção nas cartas impressas, tardando quase um ano para aparecer a próxima missiva. Mas se temos silêncios sobre a vida política, isto dá lugar da primeira e última correspondência que se tem acesso, ao percurso das obras de Gabriel, principalmente as vicissitudes na elaboração e desenvolvimento de *Mario Pareda* e *El Pozo. El Guajhú*, que saiu a público em 1938, foi terminada de ser escrita em meados de 1937.⁴² Mas ainda nesse ano Gabriel informava ao irmão que iria usar as férias que se aproximavam para terminar o seu novo livro, no qual dizia ter modificado totalmente os seu estilo, e que tinha muitas expectativas de um êxito de crítica, pois a de público não lhe interessava.⁴³

El silencio y la indiferencia con que mis coterráneos han acogido mi libro han sobrepasado mis previsiones. Se yo ya no tuviese más que decir, semejante frialdad me hubiese congelado definitivamente para seguir publicando otros libros [...] Y, ¿los comentarios de las tertulias de café? ¿Se ladró contra 'El guajhú'? ¿La crítica le tira de tanto en tanto algún mordisco o le da un puntapié?⁴⁴

O silêncio quanto a recepção e reconhecimento por parte de seus pares não barrou sua necessidade compulsiva de escrever. Mas a relação com o público, expressa na divulgação de suas obras, ainda que pouca, indica sim uma preocupação que também não foi menor. Ao longo de mais de dois anos *Mario Pareda* foi sendo gestado, mas Gabriel informava ao irmão que o preço dos livros já publicados podiam ser colocados em moeda argentina ou paraguaia, pois não acreditava em vendas significativas em Assunção.⁴⁵

32

Entre paréntesis, te adelanto que de "Mario Pareda" saqué dos copias. Una te mandaré por correo o por algún propio para que las leas en Areguá, durante las vacaciones, y vayas anotando en el margen tus observaciones, tus opiniones.

⁴¹ 01/05/1947 – G p/ CA. Talvez o papel do povo e seu protagonismo para Gabriel e César Alberto, homens que não deixavam de pertencer a uma elite liberal paraguaia, possa ser pensado a partir do comentário quanto ao final da guerra na Europa: *Ayer el populacho aclamaba a Mussolini, y hoy escupe sobre su cadáver. Eso no puede sorprenderte a ti ni a mí. El Pueblo – esa masa oscura e ignorante – no tiene alma sino instintos.* Ver: 07/05/1945 – G p/ CA

⁴² 28/06/1937 – G p/ CA

⁴³ 27/12/1937 – G p/ CA

⁴⁴ 12/09/1938 – G p/ CA

⁴⁵ 28/11/1938 - G p/ CA

Después, cuando yo vaya allá, en Semana Santa, lo comentaremos y anotaremos juntos. Pienso dedicártelo a ti. 'A César Alberto, mi Hermano y amigo'.⁴⁶

A elaboração das obras de Gabriel seguiram um lento ritmo que envolveu inspiração e muita transpiração, com permanente retrabalhar sobre o texto. E a participação e comentários de César Alberto eram aguardados, discutindo até mesmo o título da obra.⁴⁷ Um ritmo de produção que obedecia aos vários imperativos de um trabalho, que não era somente literário, mas também como profissional liberal. Entretanto os projetos literários sempre estavam na ordem do dia, independente de quando finalmente saíssem a luz. Em 1939 *Mario Pareda* ainda não havia sido publicado, mas Gabriel comentava ao irmão sobre um novo livro em andamento, que só veio a sair oito anos depois.⁴⁸

Mario Pareda foi publicado em 1940, com a única dedicatória que até então havia feito em suas obras.⁴⁹ E entre 1940 e 1946 os contos de seu novo livro foram ganhando forma. Em inícios de 1945 três deles já estavam prontos, e enviava a César Alberto um quarto, para que esse comentasse. Dos treze contos que ao final saíram, *Visperas de Boda* já havia sido publicado em 01/01/1940 pelo periódico *La Nación*, Buenos Aires.⁵⁰ As discussões com o irmão não eram apenas sobre o conteúdo da obra, mas também sobre estratégias de divulgação. Ainda em 1945, observava a César Alberto que gostaria, “antes de que aparezcan en libro, publicarlos en ‘*La Nación*’ o ‘*La Prensa*’; pero no sé por donde meterme ni a quién recurrir.”⁵¹

O publicar e ganhar visibilidade passava também pelas angustias dos concursos literários, e competir em Buenos Aires, a Meca literária da América Latina, não era fácil. Em fins de 1946 informava a César Alberto sobre *El Pozo* não ter ganho o concurso da revista *Contrapunto* de Buenos Aires, e nem mesmo ter sido recomendado. O primeiro prêmio foi outorgado por unanimidade ao escritor argentino Valentín Fernando, pela obra *La calle tiene sus hijos*.

A expectativa de Gabriel com o tão aguardado resultado do concurso chegou, e se perguntava ao irmão: “¿Te habrás equivocado sobre el valor de mi libro?” A sensação de fracasso que sentia Gabriel, César Alberto poderia dimensionar pelo recorte de um diário que mandava em anexo na carta. E tudo isto também implicaria um gasto financeiro para a publicação de *El Pozo*. Todo um custo que Gabriel pensava economizar com a obtenção da vitória no concurso – um prêmio tanto intelectual como financeiro. Ao final o livro de contos saiu em 1947 pela editora Ayacucho, ao custo de mais de 1.500 pesos pela editoração de 1.000 exemplares. Mas este que considerava seu mais novo revés não o deteria, ao

⁴⁶ 07/11/1938 - G p/ CA

⁴⁷ 22/06/1939 – G p/ CA

⁴⁸ 22/06/1939 – G p/ CA

⁴⁹ A próxima dedicatória, feita a memória de seu pai, ocorreu apenas com *La Babosa* (1952). Inicialmente Gabriel aventou com César Alberto dedicar *El pozo* (1947) a Josefina Plá, mas ao final isto não aconteceu.

⁵⁰ 17/03/1945 – G p/ CA

⁵¹ 24/04/1945 – G p/ CA

contrário do que acontecia com César Alberto. E comentava ao irmão: “Nada ni nadie puede ni podrá quitarme esta obsesión de las letras”. E isto incluía mulher (Carmen Dora), filho (Jorge Raúl, recém-nascido) e as necessidades do dia-a-dia que lhe quitavam tempo para o que mais amava, o exercício da literatura. Tanto assim que informava ao irmão já ter iniciado uma nova novela, era já *La Babosa* (1952), que começava a ser gestada.⁵²

As críticas e os elogios ao livro de contos que saíram no periódico *La Prensa* de Buenos Aires (14.03.1948) e no *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro, neste último através de uma nota de Justo Pastor Benítez, no entanto não atenuavam a percepção de fracasso ao homem que já havia chegado na casa dos quarenta anos. “Parece que se está cumpliendo la broma de nuestro hermano Carlos, que decía que el único lector que yo tenía eras tú”.⁵³

Nisto Gabriel Casaccia se equivocou, e a publicação de *La Babosa* mostrou isso ao leitor e escritor infatigável. As cartas entre os irmãos dão um pouco o ritmo desse percurso de solidão artística que ambos sentiam. Mas para Gabriel era a preocupação por não ter tempo para criar e não poder ir para Buenos Aires, apesar de ver vantagens por também estar em Posadas. Missivas que mostram a importância do ato da correspondência pela preocupação com a ordem dessa escrita, e faziam Gabriel resguardar-se quanto a eventuais extravios, quer pelo correio, mensageiros ou o próprio irmão, ao final proprietário final.

No te molestes en devolverme las cartas que te escribo, porque guardo copia de todas ellas, preocupación que debe tomar toda persona que en sus cartas habla de sus estados de alma; de las impresiones que recibe ante la lectura de un libro o de los juicios que de ella deduce; de sus sensaciones y emociones muchas veces fugaces, y las cuales forzosamente se borrarían o las olvidaría si no tuviera la prudencia de anotarlas⁵⁴.

O controle era pela importância das missivas, e inegavelmente Gabriel as teve, mas não de maneira absoluta como pretendida. Ao lhe bater um curiosidade de saber se antes da publicação de *El Guahjú* era mais pessimista ou otimista, pergunta nesta mesma carta ao irmão se “¿no tienes alguna carta mía en que hable de ese libro?” Cartas que Gabriel normalmente cobrava de César Alberto por tardar tanto em responder – “Y tú nada ¿Será a eso que llaman silencio olímpico?” Caso o irmão não quisesse ou não pudesse escrever, ao menos poderia colocar algumas linhas junto com as cartas da mãe. Eventualmente tranquilizava César Alberto, pois caso as cartas se extraviassem e caíssem em mãos alheias, ninguém entenderia a letra, e nem tomaria o trabalho de decifrá-las – outras das reclamações de Gabriel.⁵⁵ Ao comentar ao irmão César Alberto do prazer que era ler as cartas de Flaubert, dizia: “¡Como se presta esa

⁵² Para essas observações do autor, ver: 01/11/1946 – G p/ CA

⁵³ 09/07/1948 – G p/ CA

⁵⁴ 16/06/1939 – G p/ CA

⁵⁵ 06/10/1945 – G p/ CA

correspondencia para escribir la biografía novelada de su autor!”⁵⁶ Os louros que Gabriel espera conseguir ainda não haviam chegado, mas um biógrafo a seu tempo poderia estar na outra esquina.

Uma efetiva biografia de Gabriel Casaccia ainda está por vir. E nisto ganhará relevância Areguá. As cartas sempre destacam a importância dessa localidade próxima de Assunção, onde durante a infância passavam as férias. Os Casaccia Bibolini, como outras famílias com algum recurso, tinham lá sua casa de veraneio. Areguá, local por onde circularam permanentemente os protagonistas das novelas de Gabriel, não deixa de ser a Macondo do Rio da Prata. Areguá é definitivamente para Gabriel seu lugar de memória, significando *lugar de la gente de arriba* em guarani. Para lá sempre que podia voltava. Em 1937 informava a César Alberto que naquele ano seria infiel a Areguá, e não iria visitar su *loma*. Dada as distâncias e os imperativos do trabalho, as visitas se tornavam cada vez menos frequentes. Mas tinha uma vida feita de recordações da infância e adolescência, principalmente dos verões na localidade, e isto impregnou sua ficção⁵⁷.

Quando soube do assassinato em Areguá do padre Olaizola, ficou tão abalado quanto do suicídio de seu tio Pedro Bibolini. Mas ambos permaneciam vivos em Areguá, e a localidade estava viva em suas lembranças. Gabriel informava ao irmão que só então se dava conta da importância para ele do padre da localidade, e que agora teria ficado sem curas para suas novelas⁵⁸. De Areguá conservava fotos de família, e o permanente sentimento de saudades.⁵⁹ As idas ao Paraguai se davam nas férias ou na Páscoa, mas sempre provocando tristeza e nostalgia quando do retorno para casa em Posadas.⁶⁰ Estes sentimentos passaram apenas a ser minorados pela companhia de Carmen Dora.⁶¹

Com Carmen Dora havia se casado em dezembro de 1940, em Buenos Aires. A família da esposa havia se mudado de Posadas para a capital argentina em 1937. Assim, ela apenas retornava à antiga cidade. Ao longo do período das cartas pouco é comentado sobre a rotina do casal. Por César Alberto lamentando a morte do filho primogênito do matrimônio se sabe desse infortúnio.⁶² Mas vieram posteriormente dois filhos, Jorge Raúl que nasceu em 1946, em Posadas, e após Gabriel Alejandro, já quando a família havia se trasladado definitivamente para Buenos Aires em 1952.

O diálogo literário com César Alberto não ocorreu com Carmen Dora. Observava ao irmão os comentários pertinentes que esta fizera aos contos que estavam

⁵⁶ 09/06/1945 – G p/ CA. Nesse mesmo ano César Alberto indicava a Gabriel a leitura de um artigo em *La Nación* (17/06/1945), ‘Unamuno escritor de cartas’. Ver: 27/06/1945 – CA p/ G

⁵⁷ 27/12/1937 – G p/ CA

⁵⁸ 28/11/1938 - G p/ CA. Mas isto se deu exatamente ao contrário. Importante lembrar da figura central do padre Rosales de Areguá na novela *La Babosa* (1952). *Babosa* havia sido o apelido dado pelo padre a uma das personagens femininas do livro.

⁵⁹ 25/03/1940 – G p/ CA

⁶⁰ 25/02/1945 – G p/ CA

⁶¹ 10/08/1944 – G p/ CA

⁶² 27/06/1945 – CA p/ G

sendo elaborados, em referência a *El pozo*⁶³ Mas havia restrições, mesmo no tocante a uma literatura. Gabriel considerava Rómulo Gallegos um grande escritor, mas quando Carmen Dora leu *La Trepadora* e chorou em algumas partes da novela, observa ao irmão que se deve *mirar con recelo los libros que arrancan lágrimas a las mujeres*.⁶⁴ Esse desconfiar dessa relação de gênero com a literatura, ele reconhece que cobrou vingança quando perdeu o concurso no qual participou com *El pozo*. Mas não deixa claro se essas “mulheres” eram escritoras concorrentes ou integrantes do júri que o avaliou.

Nas múltiplas temporalidades da vida de Gabriel Casaccia resgatada pela missiva entre os irmãos, as mulheres eventualmente aparecem na condição de amigas, mas mantendo uma distância segura. Eram as professoras de escola com quem almoçava e mesmo ia ao cinema, ou a ex-professora de francês, mas todas elas sabiam sobre Carmen Dora, sua futura esposa.⁶⁵ Alguns meses antes de se casar, no entanto, uma mulher misteriosa cruzou seu caminho, a baronesa Georgette Camille Anne Blanc de Corbierer. A revista *Ahora* divulgou uma fotografia da baronesa informando pertencer ao serviço de contra espionagem, a *Frente Negro Alemán*. Como intervém como advogado da revista, pode afirmar ao irmão que este tema dos nazistas não era certo. Mas se mostrou encantado com a baronesa, a quem conheceu. Uma mulher culta, que falava o francês, inglês e alemão. Ela leu seu livro *Mario Pareda* e teceu comentários perspicazes:

Puede ser que yo no te hubiese referido nunca esta aventura, pero ayer recibí una carta de ella, y aún no había terminado de leerla, cuando ya me asaltaron deseos de que tú también la leyeses. Una mujer con imaginación como pocas. La mayoría son 'Ama de casa sin ingenio y sin belleza'.⁶⁶

Caberia aqui uma observação que ganha significado pelas muitas interrogações que deixa em aberto e pelo próprio exercício de análise desse material. Primeiro, diz respeito a fonte impressa e o trabalho do editor. São inúmeras as notas em pé-de-página com as traduções do francês das várias passagens feitas pelos irmãos nas missivas nessa língua, como foi o caso da última frase em itálico. A carta ou cartas trocadas com a baronesa Georgette Camille Anne Blanc de Corbierer, como tantas outras não foram incluídas na coleção. Uma mulher de mundo com a qual teve uma *aventura*. Apenas uma palavra, com todo o significado que venha a ter. Mas o importante é a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Infelizmente esse tema está sem finalização, e não pode ser retomado.

Um outro tema em que também não houve desenvolvimento diz respeito a uma nova oportunidade de trabalho dentro burocracia do país mediterrâneo, para ele ou César Alberto. Os acontecimentos de fevereiro de 1940 no Paraguai

⁶³ 02/12/1945 – G p/ CA

⁶⁴ 24/04/1945 – G p/ CA

⁶⁵ 28/11/1938 - G p/ CA

⁶⁶ 16/08/1940 – G p/ CA

colocaram novamente Justo Pastor Benítez no centro da vida política da nação. A antiga constituição de 1870 foi derogada e uma nova, escrita a quatro mãos entre este e Pablo Max Insfrán passava a dar um novo marco jurídico ao país. E não deixava de haver a influência da estadia de Pastor Benítez como Embaixador no Brasil, durante o período que Getúlio Vargas havia assumido com poderes absolutos. Os contatos entre Gabriel e Pastor Benítez voltaram a ser retomados. Em março desse mesmo ano, escrevendo a César Alberto, o irmão informava estar absorvido pelo trabalho,

[...] por preocupaciones de toda índole, que van desde mi próximo casamiento a la construcción de mi casa, pasando por mis asuntos profesionales, no he contestado tu última carta. Por eso, ni bien me preguntaste lo del puesto, te puse cuatro renglones al pie de una carta para mamá, y aunque me di cuenta que al no escribirte directamente lo tomarías con mal ceño, no quise tampoco que se quedaras con los brazos cruzados esperando mi contestación. No me hago ilusiones, y creo que las promesas de Justo P. Benítez quedarán en nada. A mí no me sorprende este olvido, que es natural en él. No lo hace de propósito ni por maldad. Por eso me parece que debes seguir insistiendo, salvo que pienses de otro modo.⁶⁷

Tanto os convites para Gabriel ir para o Brasil em 1937 como agora para ele ou para o irmão ocuparem no Paraguai algum posto de relevância, acabaram não ocorrendo. De qualquer forma a missiva nos indica um Gabriel Casaccia não de todo indiferente a uma oportunidade de um Estado paraguaio que poderia atuar como mecenas. Posadas continuou o centro de um mundo onde o mais importante era construir uma literatura, que ele via como solitária e dolorosa, mas que não podia fugir. A necessidade da escrita era como um ato de fé, com as cartas refletindo um narcisismo que tanto o irmão criticava.

A mi vuelta de Buenos Aires, y recelo que si diera la vuelta al mundo, me sucedería lo mismo, sigo siendo yo para mí mismo el espectáculo más interesante. Ya ves que no soy exigente. No pido grandiosos ni vistosos espectáculos. Me reduzco, como siempre, a mi microcosmo. Voy, pues, por la centésima vez a hablarte de mí mismo y de mis preocupaciones.⁶⁸

Cartas a mi hermano traz a relação complexa entre dois irmãos. Todos conhecemos Gabriel, mas é importante resgatar a figura de César Alberto. Este que sempre lembrava ao irmão literato de sua dificuldade em escrever, em pensar, manifestava que seguramente passaria pelo mundo mais só e hermético sem a presença de Benigno. Mas para Gabriel ele foi um personagem fundamental, e estas missivas nos ajudam a ver a um César Alberto que pode

⁶⁷ 25/03/1940 – G p/ CA

⁶⁸ 12/09/1938 – G p/ CA

dizer com propriedade a uma amiga “Yo no soy un hombre. Soy un mundo”,⁶⁹ por mais ambigua que venha a soar esta frase.

De frases tanto Gabriel como César Alberto viveram. Mas de uma crítica literária, pelo medo de um não reconhecimento, apenas Gabriel. No deserto literário que era o Paraguai para Gabriel, no entanto havia uma profetisa. Era Josefina Plá (1903-1999), “una de las intelectuales más inteligentes y cultas que hay allí”⁷⁰, e dela sempre esteve atento e valorizou o que disse. As cartas publicadas entre Gabriel e César Alberto foram selecionadas por alguém, e isto não se pode esquecer. Josefina Plá em *Palabras Liminares* assim comenta:

Leer estas cartas, escritas sin prurito literario alguno, es asistir a un desfile de testimonios de los más auténticos y nobles, que de sí puede dar en su lucha por ‘hacerse escritor’. En nuestra literatura es un libro único hasta ahora, pues no sólo ilumina la obra en su autenticidad y la bautiza inequívocamente en su búsqueda de lo humano, sino que encierra la maqueta del proceso de actualización de una literatura, llevando aquí, como la cruz de Cristo, solo sobre unos hombros (Feito; Méndez-Faith, 2007: 18).

Estas não são tanto palavras de entrada, mas muito mais de saída. Palavras definitivas pois ali está condensada a glória de Gabriel, e que também é de Josefina Plá, pois foi parte da memória do autor e teve seu próprio nome positivamente registrado. Vicissitudes da vida e ação de um editor cruzaram a todos esses personagens.

Recibido con pedido de publicación 05/07/2016

Acceptado para publicación 07/08/2016

Versión definitiva 23/08/2016

⁶⁹ 02/10/1946 – CA p/ G

⁷⁰ 10/08/1944 – G p/ CA